

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade

2



Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)

Atena
Editora
Ano 2021

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade

2



Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Daphynny Pamplona

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

História: espaços, poder, cultura e sociedade 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Bruno Oliveira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: espaços, poder, cultura e sociedade 2 / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-621-5
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.215211811>

1. História. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Espírito Santo, Janaína de Paula do (Organizadora). III. Título.
CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

O trabalho de pesquisa em história e ciências humanas busca, de maneira geral avançar, de maneira constante e perene sobre o entendimento das pessoas, suas vidas, aspirações, anseios e comunidades. Ao longo dos anos, a produção de conhecimento na área tem aprofundado seu entendimento das diferentes tramas e possibilidades que movimentam a sociedade, sua formação, desenvolvimento, seus conflitos e crises. Assim, algumas categorias, como o entendimento do espaço como uma unidade explicativa e organizacional da sociedade aparece com mais frequência, na tentativa de entender o impacto que os grupos sociais sofrem na construção espacial de suas identidades.

Da mesma maneira, a noção de poder está bastante presente. A historiografia se estrutura, classicamente, acompanhando as estâncias de poder formais, governantes e reis. Entretanto, hoje podemos observar esse conceito e suas possibilidades de maneira mais complexa, entendendo o poder, também como unidade explicativa, como construção social, em suas diferentes facetas e manifestações.

De fato, é no reconhecimento das pluralidades que mais se tem avançado, ultimamente, pluralidade essa que se revela, tanto na sociedade globalizada, com sua velocidade de produção e circulação de informações quanto às possibilidades da construção do conhecimento. Ao mesmo tempo, ampliam -se consideravelmente as perspectivas de diálogo entre História com diferentes campos do conhecimento como Sociologia, Antropologia, Geografia, Política, Educação, Religião, Literatura, Museologia, Arquitetura e Arte. Estudar a sociedade por essa multiplicidade de olhares que se apresentam para a sociedade nos dias de hoje, em seus espaços de cultura e poder, e em todos os caminhos que se possam avançar na construção dos saberes, é um dos grandes objetivos das ciências humanas.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Janaína de Paula do E. Santo


SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A ARTE CEMITERIAL: PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL DE BAURU

Jéssica Chabaribery Ferreira

Fábio Paride Pallotta


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118111>

CAPÍTULO 2..... 11

CONSTRUÇÃO DA FEDERAÇÃO DE SINDICATOS DE TRABALHADORES EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS NO BRASIL E A ARTICULAÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DA ENTIDADE INTERNACIONAL - CONTUA

Rogério Fagundes Marzola


Maria do Socorro Oliveira Marzola

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118112>

CAPÍTULO 3..... 22

ENTRE A HISTÓRIA E A GEOGRAFIA NO SANTUÁRIO DE APARECIDA: NOTAS PARA UMA LEITURA DO ESPAÇO URBANO E DO TURISMO RELIGIOSO

Ana Maria Cardachevski

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118113>

CAPÍTULO 4..... 35

JOAQUIM SALDANHA MARINHO E O PROJETO DE BRASIL MODERNO

Renata Ribeiro Francisco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118114>


CAPÍTULO 5..... 46

NAS MÃOS DO TIO SAM: AS CONTINUIDADES E RUPTURAS DA PARTICIPAÇÃO ESTADUNIDENSE NOS GOLPES DE 1964 E 2016 NO BRASIL

Antônio Carlos Cabral de Medeiros

Bianca Gisele Pinheiro do Nascimento

Luiz Alberício de Araújo Neto


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118115>

CAPÍTULO 6..... 59

O INDIVIDUAL E O SOCIAL: NELSON DE PAULA NETO E O CORONELISMO

Rodrigo Guimarães Motta

Luciano Antonio Prates Junqueira




 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118116>

CAPÍTULO 7..... 74

PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NO CONTEXTO INTERÉTNICO: ENTRE PERMANÊNCIA E RUPTURA DO SISTEMA, VALORES E HUMANIDADE

Tadeu dos Santos Kaingang

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118117>

CAPÍTULO 8	92
REDES SOCIAIS E RELAÇÕES DE INTERDEPENDÊNCIA ENTRE ESCRAVIZADOS E LIVRES NO SUL DA AMÉRICA PORTUGUESA	
Israel Aquino	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118118	
CAPÍTULO 9	105
UM CAPÍTULO NA HISTÓRIA DO DIREITO URBANÍSTICO BRASILEIRO: ALCIDES CRUZ	
Luís Fernando Massonetto	
Guilherme Ricken	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118119	
CAPÍTULO 10	116
VOZES D'ÁFRICA: A VOZ DA RESISTÊNCIA DE CASTRO ALVES AO <i>SLAM</i>	
Vitória Maria Sá da Silveira	
Débora Cristina Santos e Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.21521181110	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	129
ÍNDICE REMISSIVO	130

VOZES D'ÁFRICA: A VOZ DA RESISTÊNCIA DE CASTRO ALVES AO SLAM

Data de aceite: 01/11/2021

Data de submissão: 05/08/2021

Vitória Maria Sá da Silveira

Universidade Estadual de Goiás – UnUCSEH
Anápolis – GO
<http://lattes.cnpq.br/7980634315873835>

Débora Cristina Santos e Silva

Universidade Estadual de Goiás – UnUCSEH
Anápolis – GO
<http://lattes.cnpq.br/8161644325166070>

RESUMO: Este trabalho apresenta estudos sobre as relações entre as obras pós-coloniais do escritor Castro Alves e a poesia do *slam* da atualidade, na perspectiva da crítica pós-colonial. Busca demonstrar como a literatura consegue dialogar tão bem com os problemas socioculturais, em uma linha histórica extensa, mas constantemente presente e necessária. Os principais objetivos desse trabalho estão em discutir o papel da poesia de rua, comparando-a à poesia abolicionista de Castro Alves; discutir questões relativas às problemáticas étnico-raciais presentes na poesia de resistência das periferias, a exemplo do *slam*; e, por fim, analisar a inserção dos estudos poéticos em escolas públicas, a fim de revitalizar a poesia de rua e os novos meios de letramento. Para isso, fontes bibliográficas e documentais foram utilizadas na pesquisa, fazendo uma abordagem comparativista, de viés teórico pós-colonialista, entre os poemas com temas abolicionistas e o *slam*. Os resultados

direcionam-se à disseminação e enriquecimento do uso da poesia na rede pública de educação para aumento do letramento estético-crítico na escola, a fim de que os alunos se reconheçam como possíveis escritores. Apresenta-se, portanto, como as ideias apontadas podem ser tão eficientes e necessárias com os métodos de engajamento literário, estando presente historicamente e socialmente nas poéticas abolicionistas e de resistência de periferias. Com isso, infere-se, conseqüentemente, o fato de que, além da literatura ser uma forte arma contra a opressão, favorece também novos meios de liberdade, transmissão de cultura, conhecimento e disseminação da memória histórica do país.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica Pós-colonial. Poesia. Resistência. Castro Alves. *Slam*.

VOICES FROM AFRICA: THE VOICE OF RESISTANCE FROM CASTRO ALVES TO SLAM

ABSTRACT: This work presents studies on the relationship between the postcolonial works of the writer Castro Alves and the poetry of today's slam, from the perspective of postcolonial criticism. It seeks to demonstrate how literature manages to engage sociocultural problems so well in an extensive historical line, but constantly present and necessary. The main objectives of this work are to discuss the role of street poetry, comparing it to Castro Alves' abolitionist poetry; discuss issues related to ethnic-racial issues present in the poetry of resistance from the outskirts, such as the slam; and, finally, to analyze the insertion of poetic studies in public schools, in order to

revitalize street poetry and the new means of literacy. For this, bibliographical and documental sources were used in the research, making a comparative approach, with a post-colonial theoretical bias, between poems with abolitionist themes and the slam. The results are aimed at disseminating and enriching the use of poetry in the public education system to increase aesthetic-critical literacy at school, so that students can recognize themselves as possible writers. Therefore, it is presented how the above ideas can be so efficient and necessary with the methods of literary engagement, being present historically and socially the abolitionist poetics and resistance of the peripheries. This brings together the fact that, in addition to literature being a strong weapon against oppression, it also favors new means of freedom, transmission of culture, knowledge and dissemination of the country's historical memory.

KEYWORDS: Postcolonial Criticism. Poetry. Resistance. Castro Alves. Slam.

1 | INTRODUÇÃO

*A praça! A praça é do povo
Como o céu é do condor
É o antro onde a liberdade
Cria águias em seu calor*
(CASTRO ALVES)

Com o passar dos anos, nas mudanças decorrentes das décadas, poetas nascem e morrem – alguns ainda muito jovens. Há obras que surgem e se apagam no tempo, esquecidas em prateleiras empoeiradas e envelhecidas. Mas, com firme certeza, algo que sempre irá durar, independente do tempo, é o poder que a literatura, a poesia e a voz possuem ao serem exclamadas pelo povo.

Quando há o grito de liberdade, seja em versos de um eu-lírico calejado ou de uma pessoa no meio da praça, que conta histórias e luta por seus direitos, há tempos postos de lado, o significado do clamor se torna nítido e ressoante: é a voz da resistência que dirige-se ao público.

Dessa forma, esta pesquisa visa estabelecer uma relação entre a literatura de Castro Alves e a poesia contemporânea do *Slam*, com o foco de demonstrar a importância da arte como instrumento de conscientização para a vida humana e mediação em diversas questões sociais. Este artigo apresenta resultados de investigações, discussões e reflexões teóricas realizadas no âmbito do Grupo de Pesquisa ARGUS (Estudos de Cultura, Linguagem e Comportamento), da Universidade Estadual de Goiás, e como pesquisa fomentada pelo CNPq.

Dessa forma, no que tange o assunto a ser discutido no estudo, Antônio Frederico de Castro Alves foi um poeta baiano que, em seus breves 24 anos de vida, marcou para sempre a história da literatura brasileira. Mesmo tão jovem, carregava em seu peito uma intensa paixão pelo país e pela liberdade, capaz de declamar e usar da voz para lutar pelo que achava certo, sem se submeter aos modelos de uma sociedade conservadora.

Escreveu poemas de amores intensos, os quais, como afirma Tolmanno (1975, p.

242), “o conflito interior que, originando forte contradição psicológica, dobra o escritor sobre a si mesmo, é projetado por ele no eu do mundo”. Seus escritos românticos basearam-se, de forma intrínseca, em sua vivência e suas experiências, desvelando-nos a verdadeira essência de seu ser, que foi capaz de ser disciplinada e lapidada na forma da palavra.

Poeta do amor, da nacionalidade e da liberdade, foi também o poeta dos escravos. Produziu mais de trinta obras que tinham como princípio a luta pela abolição da escravidão; dentre elas estão *A Canção do Africano* (1863), *O povo ao Poder* (1863), *A Criança* (1865), *A Cruz da Estrada* (1865) e *A Visão dos Mortos* (1865). Em 1868, publicou *Vozes da África* e *Navio Negroiro*, dois dos mais importantes poemas sobre o assunto. Em nosso artigo, do primeiro poema serão expostos alguns trechos para uma análise mais detalhada, em função do trabalho em sala de aula.

Da Bahia boêmia de Castro Alves, um salto é dado para o Brasil moderno de hoje, junto com seus novos modos de poesia. Com o passar do tempo, linguagens foram mudadas, a literatura se modelou conforme o público e inusitadas formas de interpretar o mundo vieram a ser configuradas. Porém, um aspecto nunca se alterou: a luta pela liberdade e pelo direito de ser ouvido. Essa batalha continua e resiste até os tempos atuais, e o *Slam* dá voz a milhares de pessoas que clamam por seus direitos e histórias de vida.

Nos anos de 1986, em um bar chamado Green Mill Jazz Clube, situado no norte de Chicago, Estados Unidos, o *Slam poetry* fazia sua primeira aparição. Teve como precursor um operário da construção civil, chamado Mark Kelly Smith e, a partir disso, essa forma popular de poetizar ganhou grande espaço pelo mundo inteiro.

No Brasil, o impacto foi tão gigantesco que várias pessoas passaram a participar das performances de rua, competições foram criadas e grupos de *slammers* surgiram, como o ZAP – Zona Autônoma da Palavra –, inaugurado em 2008, no município de São Paulo. Porém, por se tratar de uma batalha de poesia falada, há um conjunto de regras a serem seguidas, normalmente cinco, mas que podem variar, dependendo o local. Daniela Silva de Freitas explica:

[...] apesar de variarem de lugar para lugar, tendem a permanecer relativamente as mesmas: os competidores têm três minutos para apresentar sua poesia autoral e inédita naquele slam, sem o auxílio de adereços de cena ou acompanhamento musical. As poesias são julgadas pelo público e pelos jurados imediatamente após sua leitura/recitação/acontecimento, em uma escala de zero a dez. O júri é constituído por pessoas escolhidas aleatoriamente na plateia. Das notas dos cinco jurados, a maior e a menor são descartadas, compondo uma nota final que varia entre zero e trinta pontos. O poeta geralmente passa por três rodadas, tendo que apresentar três poesias vencedoras antes de se tornar o campeão da noite. (FREITAS, 2020, p. 25)

Mesmo com essas regras, é possível abranger várias questões políticas, sociais, de gênero e outros temas. Assim, grandes nomes do *Slam* também apareceram em nossa pesquisa, como os de Roberta Estrela D’Alva, Lucas Koka e Luz Ribeiro. Esses poetas podem exemplificar a veracidade e a vivacidade que seus escritos possuem, ao serem

declamados e ouvidos pelo povo.

Tendo como base esse contexto, nosso estudo buscou estabelecer uma relação comparativa entre a poesia combativa romântica de Castro Alves e a poesia de rua nos dias atuais, tendo as duas o mesmo objetivo: explorar a força que as palavras têm em potencializar a luta por causas sociais.

Mesmo que esses dois gêneros textuais estejam separados pelo tempo, pela escolha de linguagem, performance e outros aspectos retóricos, ainda possuem essa força e esse direito da palavra, uma vez que, como afirma Homi Bhabha (1998, p. 21):

[...] o direito de se expressar a partir da periferia, do poder e do privilégio autorizados não depende da persistência, da tradição; ele é alimentado pelo poder da tradição de se reinscrever através das condições de contingência e contradição, que presidem sobre as vidas dos que estão na minoria.

Além de Bhabha, outros dois autores foram utilizados como base teórica para a crítica pós-colonialista em nosso trabalho, sendo eles a crítica literária indiana Gayatri C. Spivak (1992, 1996) e o pesquisador palestino Edward Said (1992). Eles defendem e justificam o porquê dessa literatura de resistência ser tão importante e essencial em qualquer que seja a época ou a motivação de seus escritos.

Se há uma maneira do povo, dos jovens e dos estudantes terem voz para que sejam escutadas histórias, declamações e pareceres, então deixemos a praça para o povo porque, como já dizia o poeta dos escravos: “A praça! A praça é do povo/Como o céu é do condor” (ALVES, 1864). Que o clamor, os gritos e os brados ressoem na mesma intensidade em que o condor contorna o vasto céu, arrastando em seu voo a certeza inteligível de liberdade.

2 | ENTRE O ABUTRE E O CONDOR

Quando se pensa em trabalhar Castro Alves na sala de aula, uma breve explicação de sua biografia é interessante. Isso porque vários dos acontecimentos em seus curtos anos de vida, além de terem lhe servido de inspiração, dão-lhe a autoridade para falar de temas tão polêmicos para sua época. Em 14 de março de 1847, nascia o poeta dos escravos, na fazenda Cabaceiras, hoje, cidade de Castro Alves.

Logo após seu nascimento, o pequeno Antônio foi confiado a uma “mãe preta”, a mulata Leopoldina” (CALMON, 1935, p. 29), pela qual foi criando afeto e carinho e uma ternura instintiva pelos escravos. Nisso, Ribeiro Neto complementa:

A mucama Leopoldina foi, no entender de todos os biógrafos de Castro Alves, quem primeiro lhe embalou o espírito com as lendas da escravidão, quem o ensinou desde menino a escutar as batidas do próprio coração vibrando na revolta de ver tratados como cães famintos, retalhados a chicote, os homens que pertenciam à mesma raça da negra que lhe deu o peito e lhe emprestou à imaginação paisagens geográficas e humanas que nunca sonharia. Dessa negra humilde, Castro Alves recebeu o leite que lhe daria a força vital, e, nas

A mãe de leite morre durante as férias colegiais do garoto e, poucos anos depois, em 1859, falece sua mãe biológica pelo mal da tuberculose. A esse respeito, Calmon (1935, p. 19) acrescenta: “destinado a sonhar como o Dr. Alves, a queimar-se em idílio como a tia Pórcia, a ser arrogante e insolente como o avô Castro, e a morrer como Clélia...”, já que, no dia 6 de julho de 1871, em Salvador, Bahia, morria o poeta também de tuberculose.

Aos 13 anos iniciava sua jornada como poeta, concernindo o verbo “libertar” como o mais comum na sua lira, e até presenteando seu professor com um poema, que foi agraciado e elogiado por tão nato talento. Anos depois, na Faculdade de Direito de Recife, recita o poema *O Século* (1865), em um salão nobre e com várias pessoas presentes. Lá, estudiosos da faculdade reconhecem seu potencial, e um lugar na Academia e na sociedade lhe é garantido, assim como sua visceral vontade de usar a escrita como meio de luta social. “Foi, então, neste ano de 65, que, sem sombra de dúvidas, Castro Alves se demonstrou firme no pensamento de ser anjo de guarda dos negros cativos, combatendo por eles durante toda a vida, com o seu talento.” (SILVA, 2012, p. 25)

Seus escritos ganharam tanta notoriedade no decorrer de sua vida que outros poetas de renome já o admiravam e comentavam sobre sua insurgência poética no meio de uma sociedade conservadora. Com 21 anos de idade, Castro Alves vai à casa de José de Alencar, que lê seu texto *O Gonzaga* (1867), e se admira por tamanha grandeza que o jovem Antônio colocava em seus poemas.

Escreve, então, uma carta de recomendação para o exímio Machado de Assis, afirmando nela que “é boa e grande fortuna conhecer um poeta; [...], com uma carta que vale um diploma, com uma recomendação que é uma sagração [...] Abre os olhos em pleno Capitólio. Os seus primeiros cantos obtêm o aplauso de um mestre” (ALENCAR, 1869). E isso fazia, finalmente, com que todo o Brasil conhecesse o poeta da liberdade.

Foi nesse ano também que lançou o poema *Vozes d’África*, onde o clamor tomava espaços entre as palavras para declamar sobre o esquecimento amargo do continente. O texto, feito para os escravos, questiona o sofrido destino do povo africano, colocando o continente do qual vieram como o eu-lírico que narra e grita por suas desgraças ao terem seus filhos arrebatados e tirados de seu solo para viverem uma vida de miséria e escravidão. É uma prosopopéia que implora a Deus por justiça e respostas para todo o mal que lhe aconteceu:

VOZES D’ÁFRICA

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?

Em que mundo, em qu’estrela tu t’escondes

Embuçado nos céus?

Há dois mil anos te mandei meu grito

Que embalde desde então corre o infinito

Ondes estás, Senhor Deus?

[...]

O cavalo estafado do Beduíno

Sob a vergasta tomba o ressupino

E morre no areal.

Minha garupa sangra, a dor poreja,

Quando o chicote simoun dardeja

O teu braço eternal.

Minhas irmãs são belas, são ditosas...

Dorme a Ásia nas sombras voluptuosas

Dos haréns do Sultão.

Ou no dorso dos brancos elefantes

Embala-se coberta de brilhantes

Nas plagas do Hindustão.

Por tenda tem os cimos do Himalaia...

Gnages amoroso beija a praia

Coberta de corais...

A brisa de Misora o céu ínflma; E ela dorme nos demplos] – do Pagodes colossais...

A Europa é sempre Europa, a gloriosa!...

A mulher deslumbrante e caprichosa,

Rainha e cortesã.

Artista – corta o mármore de Carrara;

Poetisa – tange os hinos de Ferrara,

No glorioso afã!

[...]

Mas eu, Senhor!... Eu triste abandonada

Em meio das areias esgarrada,

Perdida marcho em vão!

Se choro... bebe o pranto a areia ardente;

Talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente!

Não descubras no chão...

[...]

Hoje em meu sangue a América se nutre

Condor que transformara-se em abutre,

Ave da escravidão,

Ela juntou-se às mais... irmã traidora

Qual de José os vis irmãos a outrora
Venderam seu irmão

Basta, Senhor! De teu potente braço
Role através dos astros e do espaço
Perdão p'ra os crimes meus!
Há dois mil anos eu soluço um grito...
Escuta o brado meu lá no infinito,
Meu Deus! Senhor, meu Deus!!...

São Paulo, 11 de junho de 1868.

Analisando os trechos acima, têm-se os gritos do Continente organizados em formato de versos. O eu-lírico começa clamando a Deus, questionando suas dores e injustiças e pedindo socorro incessantemente. Menciona suas “irmãs”, os continentes ao seu redor (Ásia e Europa) que, ao contrário de sua realidade de abandono, tristeza e ardor, possuem riquezas, nobreza, artes reconhecidas e uma vida sem sofrimento e miséria, aumentando seu desamparo por tamanha injustiça.

Menciona, então, a América, continente que nutre e suga de sua liberdade: “Hoje, em meu sangue a América se nutre/ Condor que transformara-se em abutre,/ Ave da escravidão”, fazendo, assim, do continente já esquecido, um escravo da dor, da servidão e da miséria. Termina o poema com mais um pedido, mais um grito, para que seja perdoado por seus crimes. Que sua voz, já ressoando há mais de dois mil anos, seja escutada por Deus, e que um basta seja dado a sua aflição.

Nesse poema, fica clara a ligação feita com a escravidão no Brasil e a relação entre o colonizador e o colonizado. Mesmo sendo uma literatura que carrega tamanha sensibilidade e pretende trazer emoção ao leitor, também é “crucial para ligação de uma gama de diferenças e discriminações que informa as práticas discursivas e políticas da hierarquização racial e cultural” (BHABHA, 1992, p.179).

Problematizar essas discriminações por meio da poesia oferece uma chance de voz, de fala, de ser ouvido. A personificação do continente mostra a marginalização, a violência e a dor acometida aos povos africanos, e é uma dor que perdura até os tempos atuais; não dá para esquecer de feridas tão viscerais assim apenas com o passar do tempo, e a poesia surge para nos lembrar disso, que o abutre e o condor às vezes voam no mesmo céu.

3 | **SLAM: A BATIDA, A PALAVRA, A VOZ**

No contexto da poesia engajada, ao questionarmos se existem poéticas abolicionistas nos tempos atuais, uma resposta rápida e concisa poderia ser apresentada, sendo esta o *Slam*. Se Castro Alves abordou o tema da escravidão tão bem em seus escritos poéticos e marcantes, a *slam poetry*, poesia falada mais importante da atualidade, segundo a *slammer*

Estrela D’Alva (2011), ocupa grande espaço entre as ruas, praças e os cidadãos que usam a voz não só para abordar problemas raciais, como também sociais, de gênero e outros.

Nesse âmbito, existem algumas implicações políticas das regras do slam que se constituem em contraste com o modelo de poesia tradicional. No seu texto *Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência*, a pesquisadora Daniela Silva assinala:

Na *slam poetry*, a poesia deixa o ambiente acadêmico, abandona os circuitos tradicionais de curadoria e produção de sentido, flerta com a canção popular e torna-se uma prática coletiva e, como tal, se estabelece no limite entre o oral, o escrito e o visual, fazendo da performance um elemento central. (FREITAS, 2020, p. 3)

Isso reafirma que, nesse modo de arte, não há segmentações ou exclusividades. Todos podem e devem participar para também compartilhar experiências e desenvolver a habilidade oral e escrita. Um exemplo de *slam* que trabalha o tema racial e foi muito bem recebido entre o público é o de Lucas Koka. Estes versos renderam o primeiro lugar na batalha de *slam* da noite em que participou:

BOA NOITE “PA” GERAL

Era uma vez...
Não! Pára! Que isso aqui não é conto de fada!
E a história que vai ser relatada é só realidade
Conta as memórias de uma vida pacata
que esmagou a maldade
1996, quatro horas da manhã
dilatação de quatro dedos
mas não tinha parteiros
A saúde onde eu moro
me dá nos nervos.
Nome da mãe?
Andréia
Preta
Nesse mundo é treta
Quando madura
via que a vida era dura
Parecia que Deus olhava e dizia
- Poucas “ideia”
Prazer! Sou sim o desgraçado
como o engravatado tinha me falado
É, mas ele ficou impressionado
porque além de negro drama, sou negro estudado
[ou!] E eu sei
[ou! Caralho!]
E eu sei que tenho muito a estudar,

Porém na academia da hipocrisia
a matéria que eu não entendia eles querem tirar
[ou!]
Mas um dia
um dia eu chego na universidade
Eles não tão ligado que a vida serviu de faculdade
Tinha apenas três matérias: miséria, escravatura e] – infelicidade
Pois é, Brasil, eu nunca tive um “boot” de mil
mas no sistema eu vou tentar dar uma bota
porque eu quero ver, meu bem,
quando no ENEM eu tirar 1000
eles falarem que foi cota.
[ou! Tchum-tchatcha-tchumtchum-tcha! Tchum-tchatcah-tchumthumtchum-
tcha!]

(SLAM RESISTÊNCIA, 2016)

Na apresentação, além de Lucas declamar sobre os problemas sociais e raciais que enfrenta, ele relê e atualiza o “Negro Drama”, do Racionais MC’s (2002), contando sobre a miséria e a dificuldade que ele e sua mãe tiveram durante a vida. É interessante notar essa exclamação em sua poesia, pois, como pondera Gayatri Spivaki, em sua obra *Pode o Subalterno falar?* (2010), os oprimidos podem e devem falar por si mesmos. Isso os reintroduz como sujeitos na sociedade e aludem o desejo e o poder que transmitem em sua voz para um povo que, após ser tão abandonado e danificado, encontra meios de se reerguer na sociedade.

Sua forma de ressurgir é a poética, é a fala e a performance produzida no meio de pessoas que, mesmo não as conhecendo, compartilha suas vivências e as introduz em seu mundo e experiências, muitas vezes acolhidas com empatia e compreensão. O *slam* é mais uma forma de concluir o quanto a vida pode ser incompreensível, absurda, mas ao mesmo tempo visceral e intensa. É mais uma forma de findar a compreensão de que a vida é um soco no estômago. (LISPECTOR, 1998)

Outro exemplo que pode ser apresentado é o texto de Luz Ribeiro, poeta, produtora cultural e escritora de livros já publicados no Brasil. Ganhou também campeonatos nacionais de poesia como a FLUPP BNDES (2015) e SLAM BR (2016) e vice-campeã na *COUPÉ DU MONDE DE POÉSIE* (FRA-2017). Participa do coletivo “Slam das Minas”, que tem como objetivo principal declamar sobre gênero e feminismo no *Slam*:

JE NE PARLE PAS BIEN

excuse moi, pardon me...

je ne parle pas bien français

je ne parle pas bien anglais non plus

je ne parle pasbien
je ne parle pasbien
je ne parle pasbien
je ne parle pasbien

...

eu tenho uma língua solta
que não me deixa esquecer
que cada palavra minha
é resquício da colonização

cada verbo que aprendi a conjugar
foi ensinado com a missão
de me afastar de quem veio antes

nossas escolas não nos ensinam
a dar voos, subentendem que nós retintos
ainda temos grilhões nos pés

esse meu português truncado
faz soar em meus ouvidos
o lançar dos chicotes
em costas de couros pretos
nos terreiros de umbanda
evocam liberdade e entidade
com esse idioma que tentou nos prender

cada sílaba separada
me faz lembrar de como fomos e somos segregados

nos encostaram nas margens
devido a uma falsa abolição
que nos transformou em bordas
me...

je ne parle pasbien
je ne parle pasbien

tiraram de nós o acesso
a ascensão

e eis que na beira da beira, ressurgimos
reinvenção

nossa revolução surge e urge
das nossas bocas das falas aprendidas
que são ensinadas
e muitas não compreendidas
salva, a cada gíria

je ne parle pasbien
temos funk e blues
de baltimore a Heliópolis
com todo respeito edith piaf
não é você quem toca no meu set list
eu tenho dançado ao som de “coller la petite”

je ne parle pasbien
o que era pra ser arma de colonizador
está virando revide de ex-colonizado
estamos aprendendo as suas línguas
e descolonizando os pensamentos
estamos reescrevendo o futuro da história

não me peçam para falar bem
parece que je ne parle pasbien
je ne parle pasbien
je ne parle pasbien, rien
eu não falo bem de nada
que vocês me ensinaram

(REVISTA LITERÁRIA PIXÉ, 2019)

Luz Ribeiro, ao iniciar o poema falando em francês, carrega uma carga irônica em relação à linguística e a ideia de supremacia europeia. Isso por conta dos europeus e até mesmos os povos de outros continentes concluírem que as outras línguas não falam “corretamente” como a deles. Essa alusão pode ser melhor explicada pelo professor Edward Said (1990, p. 19) ao ressaltar

[...] uma noção coletiva que determina os europeus em comparação com os não-europeus e, de fato, pode ser argumentado que o principal componente da cultura européia é precisamente tornar essa cultura hegemônica tanto na Europa quanto fora dela: a ideia da identidade européia como sendo superior em comparação com todos os povos culturais não-europeus.

Há também a crítica voltada para a própria escola e para a sociedade brasileira, que cobram dos falantes uma linguagem proposta conforme a norma padrão. Pedem que falem “certo” a língua que deveria ser uma extensão do locutor e reflexo de sua identidade e cultura, visto que cada gíria, neologismos e frases criadas explicitam sua vitalidade

linguística.

A *slammer* faz também uma analogia interessante quando alude à escola ser como as correntes nos pés dos escravos, em que cada pronúncia errada serve de “flagelo” nas costas, e que cada separação silábica indica a segregação das pessoas, ao tentar impor regras tão rígidas para um povo tão diverso.

Ao analisar as produções de *Slam*, comparando-os com a poesia de Castro Alves, fica visível que ambas conseguem problematizar causas sociais e questões de etnia e colonialismo decorrente, e que trabalhá-los em sala de aula pode trazer grandes benefícios aos estudantes, tanto no processo de conscientização política e cidadã, quanto para a expansão do universo literário e das formas de expressão, sobretudo da poesia oral.

Mas, o mais importante dessas produções ainda está na representatividade e na resistência. São escritos que ressoam os sentimentos de povos marginalizados, deixados à beiras e precipícios, mortos e esquecidos como resquício da colonização. Ao ler Castro Alves, o poeta branco que defendia os escravos, tem-se um primeiro impulso, uma certa indignação, uma maneira ainda nebulosa de se manifestar à causa racial. Mas ao ouvir o *slam*, tem-se o grito daquele que carrega em si mesmo a história da morte, do preconceito.

E entre esses escritos desenvolvidos, uma característica sempre irá perdurar: a espera. Escrever é um ato de esperança, pelo qual se espera que alguém leia, alguém sinta, alguém previna. É o que a literatura é capaz de fazer. É o que a voz é capaz de fazer.

4 | CONCLUSÃO

De todo o conteúdo discutido nessa pesquisa, é nítida a capacidade transformadora da poesia no meio estudantil. Por vezes, alguns alunos podem ter dificuldades em textos clássicos, como os de Castro Alves. Assim, propor um caminho de aproximação, com uma linguagem mais fácil e cotidiana para eles, como a do *Slam*, pode ser uma boa maneira de inseri-los no mundo da literatura e aprimorar suas habilidades de escrita e oralidade.

Também instigam os estudantes a refletirem sobre discussões raciais, de gênero, classes e outras que são essenciais para sua formação. Os *slams* usados como exemplos no artigo são apenas um prenúncio da imensa carga de conteúdo que essa poesia falada pode abordar.

Existem *slams* direcionados também a: 1) surdos - chamados “Slam do Corpo”, para crianças que, desde cedo, poderão vivenciar uma riquíssima experiência cultural; 2) cantoria nordestina, revivendo produções populares, até mesmo cordéis, explorando a oralidade tradicional da região; 3) métodos de terapia, slam como quesito psicológico, já que é uma arte que tange na expressividade e, de certa forma, alivia emoções, pensamentos e ideias que há tanto tempo podem ter ficado presas na mente.

Essas experiências, tanto da poesia contemporânea quanto da clássica, aqui citadas, possuem a prerrogativa de fomentar e lapidar a capacidade cognitiva e interpretativa

do aluno, em questão do mundo e de si mesmo. Acrescenta também novos meios de abordagens de conteúdo entre os gestores de ensino e professores de redes educacionais, ampliando as possibilidades de desenvolvimento e criação. Essa é a forma em que a voz, desde o poeta dos escravos, continuou a ressoar nos tempos atuais. É a voz do povo, de Castro Alves e, acima de tudo, da liberdade, expressa na voz das ruas do Slam.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. *Uma recomendação que é uma sagração*. Rio de Janeiro, 29 de fevereiro de 1869, em: <https://correioims.com.br/carta/uma-recomendacao-que-e-uma-sagracao/> Acesso em: 21 ago. 2020.

BHABHA, Homi K. A questão do “ouro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo; SAID, Edward. *Orientalismo* revisto. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.) **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. CALMON, Pedro. **Vidas e amores de Castro Alves**. Rio de Janeiro: Editora A noite, 1935.

D’ALVA, Roberta Estrela. **Um microfone na mão e uma ideia na cabeça** – o poetry slam entra em cena. São Paulo: PUC, p. 119-126, 2011.

FREITAS, Daniela Silva de. **Slam resistência**: poesia, cidadania e insurgência. Brasília: Estudo de literatura brasileira contemporânea, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

RIBEIRO, Luz. Je ne parle pas bien. **Revista Literária Pixé**, 2019, em: <https://www.revistapixe.com.br/luz-ribeiro>. Acesso em: 21 de ago. 2020.

SAID, Edward W. **Orientalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

SILVA, Sara Daniela Moreira de. **Castro Alves na cultura brasileira**. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2012.

SLAM RESISTÊNCIA (2016b). Lucas Penteado Kóka, símbolo das ocupações de secundaristas em SP e o grande vencedor do Slam Resistência – edição de dezembro/2016. Fanpage Slam Resistência no facebook, São Paulo, em: <https://www.facebook.com/slamresistencia/videos/1204045536344830/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

DENISE PEREIRA - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas (UEPG), Especialista em História, Arte e Cultura, (UEPG), Especialista em Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento (CENSUPEG); Especialista em Docência do Ensino Superior, Gestão e Tutoria EAD (FABRAS); Especialista em Gestão Educacional (IBRA)) Graduada em História (UEPG) e Graduada em Pedagogia (IBRA). Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da UEPG, Professora Orientadora de TCC da UFRN, Professora assistente da FASU - E-mail: p.denise.p@gmail.com

JANAÍNA DE PAULA DO ESPÍRITO SANTO - Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás (2018), Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2005), graduada em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2001). Atualmente é professora assistente da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: janainapes@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abolicionismo 35

Alcides Cruz 105, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 114, 115

América Latina 11, 12, 13, 14, 19, 20, 22, 25, 46, 47, 48, 49, 51, 55, 57

Análise de Redes Sociais 92

Arte Cemiterial 1, 4, 5, 6, 8

Artista Xamã 74, 82

C

Castro Alves 116, 117, 118, 119, 120, 122, 127, 128

Cidade de Bauru 1, 2, 3, 4, 5, 9, 10

Cidades 2, 4, 5, 8, 10, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 31, 32, 34, 43, 60, 61, 113

Compadrio 92, 93, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

CONTUA 11, 12, 13, 14, 18, 20, 21

Coronelismo 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73

COVID-19 2, 6, 74, 75, 76, 77, 79, 82

Crítica pós-colonial 116

D

Direito urbanístico 105, 115

E

Escravidão 38, 40, 42, 43, 44, 92, 104, 118, 119, 120, 121, 122

Espaço urbano 9, 22, 33, 34, 113

F

FASUBRA 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21

G

Geografia religiosa 22

Golpe de 1964 46, 47

H

Hierarquias sociais 92

História 2, 3, 4, 6, 8, 9, 10, 22, 23, 24, 26, 34, 35, 40, 45, 49, 56, 57, 62, 63, 64, 67, 71, 72, 74, 77, 78, 79, 81, 87, 89, 90, 91, 92, 104, 105, 106, 114, 115, 117, 123, 126, 127, 129

História do direito 105, 106, 114, 115

Historiografia 74, 77, 80, 90, 97

I

Imperialismo 46, 47, 52, 55, 56

Intervenção 13, 16, 26, 49, 105, 106, 107, 109, 112, 113, 114

M

Maçonaria 35, 36, 37, 40, 41, 43, 44, 45

Monte Azul 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73

N

Narrativa 43, 52, 59, 61, 62, 63, 64, 74, 78, 80, 81, 89

Neogolpe de 2016 46, 47, 50, 55

P

Patrimônio cultural 1, 2, 3, 9, 10

Pesquisa narrativa 59, 62, 63, 64

Poesia 116, 117, 118, 119, 122, 123, 124, 127, 128

Polícia 43, 63, 65, 69, 71, 105, 106, 107, 110, 111, 112, 113, 114, 115

R

Republicanismo 35

Resistência 12, 18, 38, 50, 64, 87, 114, 116, 117, 119, 123, 124, 127, 128

S

Sindicatos 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20

Slam 116, 117, 118, 122, 123, 124, 127, 128

T

Trabalhadores 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 37, 38, 43, 44, 55, 61

Trajectoria 9, 35, 48, 60, 62, 64, 85

Turismo 22, 28, 29, 30, 34

U

Universidades 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21

V




Vilas 22, 27

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade

2



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br






Ano 2021

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade

2



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2021